

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

CAPÍTULO 14

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS

Data de aceite: 01/09/2020

Yolanda Ramírez Villacorta

Antropóloga, con Maestría en Antropología y Estudios Amazónicos, Doctorada en Antropología; docente en la Facultad de Educación de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos.
<https://orcid.org/0000-0003-3489-1385>

Oliverio Llanos Pajares

Antropólogo, con Doctorado en Sociología Rural, docente en la Facultad de Ciencias Sociales, de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos-UNMS.

RESUMEN: Se presentan los resultados de la investigación, con enfoque de género, en las Comunidades Nativas de la Amazonía peruana: Callería (Shipibo conibo), Mariscal Cáceres (Cacataibo) en Ucayali; Bélgica (Yine) y Sonene (Ese'ēja) en Madre de Dios, sobre cambio climático, indicadores climáticos y las percepciones de efectos del cambio climático. La relación indígena con la naturaleza se basa en afectividad y misticismo, que define sus saberes tradicionales sobre flora, fauna, suelo, agua, atmósfera, cuyas manifestaciones se respetan y se reconocen como predictores del clima. Diferentes animales de tierra, agua y aire les anuncian con sus cantos, rugidos y ruidos, cuando hará calor, lloverá o habrá friaje. Este conocimiento está en relación directa al ámbito en que desempeñan sus roles de género: hombres,

en el bosque y en el río; mujeres, en la casa, la huerta y la comunidad.

PALABRAS CLAVES: cambio climático, indicadores climáticos, pueblos indígenas.

INDICADORES NATURAIS DAS VARIACÕES CLIMÁTICAS UTILIZADAS PELOS POVOS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA PERUVIANA: CASO DE QUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI E MADRE DE DIOS

RESUMO: Os resultados da pesquisa são apresentados, com enfoque de gênero, nas comunidades nativas da Amazônia peruana: Callería (Shipibo conibo), Mariscal Cáceres (Cacataibo) em Ucayali; Bélgica (Yine) e Sonene (Ese'ēja) em Madre de Dios, sobre mudanças climáticas, indicadores climáticos e percepções dos efeitos das mudanças climáticas. A relação indígena com a natureza é baseada na afetividade e no misticismo, que define seu conhecimento tradicional sobre flora, fauna, solo, água, atmosfera, cujas manifestações são respeitadas e reconhecidas como preditoras do clima. Diferentes animais da terra, da água e do ar anunciam com seus cânticos, rugidos e ruídos, quando faz calor, chove ou faz frio. Esse conhecimento está diretamente relacionado à esfera em que eles desempenham seus papéis de gênero: homens, na floresta e no rio; mulheres, em casa, no jardim e na comunidade.

PALAVRAS - CHAVE: mudança climática, indicadores climáticos, povos indígenas.

NATURAL INDICATORS ON THE CLIMATE VARIATIONS USED BY THE INDIGENOUS PEOPLES OF THE PERUVIAN AMAZON: CASE OF FOUR NATIVE COMMUNITIES OF UCAYALI AND MADRE DE DIOS

ABSTRACT: The results of the research are presented, with a gender focus, in the Native Communities of the Peruvian Amazon: Callería (Shipibo conibo), Mariscal Cáceres (Cacataibo) in Ucayali; Belgium (Yine) and Sonene (Ese'ēja) in Madre de Dios, on climate change, climate indicators and perceptions of the effects of climate change. The indigenous relationship with nature is based on affectivity and mysticism, which defines its traditional knowledge about flora, fauna, soil, water, atmosphere, whose manifestations are respected and recognized as predictors of the climate. Different animals from land, water and air announce with their songs, roars and noises, when it will be hot, it will rain or there will be cold. This knowledge is directly related to the sphere in which they carry out their gender roles: men, in the forest and in the river; women, in the house, the garden and the community.

KEY WORDS: climate change, climate indicators, indigenous peoples.

INTRODUCCIÓN: “YA NADA ES COMO ANTES”

“El clima está cambiando”, “ya nada es como antes”, “la madre naturaleza está molesta”, “llueve cuando debe hacer calor”, “las taricayas no encuentran playa, como están acostumbradas”, “nos enfermamos porque hay mucho sol y mucho friaje”, “nuestra alimentación debemos cambiar”, “los pajaritos nos dicen que va a seguir lloviendo”, “el calor va a estar más fuerte, porque las chicharras están gritando bastante”. (Testimonios)

Frases como éstas, de hombres y mujeres indígenas de Ucayali y Madre de Dios, en la Amazonía peruana, expresan que los efectos del cambio climático se están sintiendo con más fuerza. Las estaciones, marcadas por la creciente y vaciante de los ríos, se han alterado; en la fauna y la flora del bosque comunal ya no se encuentran varias especies que los abuelos les mostraron. Más aún, perciben que los espíritus de la naturaleza, que son parte de su saber ancestral, se alejan de ellos y se pierden las señales del clima que antes usaban para poder organizarse y realizar sus actividades cotidianas.

Los pueblos indígenas, a lo largo de su existencia, han elaborado una gran cantidad de conocimientos y experiencias sobre el comportamiento de la biodiversidad y de otros componentes de su entorno natural, que es el bosque amazónico, en relación directa con las variaciones climáticas. Esos conocimientos y experiencias, son un factor importante para la gestión de sus actividades productivas, diseñando estrategias adecuadas para resolver sus necesidades de subsistencia, como familia y como comunidad, así como también para tomar decisiones a nivel social, cultural y económico¹

¹ El conocimiento ancestral o tradicional, ha tomado gran importancia, principalmente desde su reconocimiento oficial en el Convenio de Diversidad Biológica-CDB (1992).

LA INVESTIGACIÓN.

En ese sentido, nos formulamos las siguientes preguntas de investigación:

¿Qué indicadores climáticos conocen y aplican los hombres y mujeres de los pueblos indígenas amazónicos en sus actividades cotidianas?

¿Las mujeres y hombres indígenas cuentan con conocimientos distintos sobre indicadores de cambio climático? ¿Por qué?

¿Cómo se transmiten los conocimientos sobre indicadores climáticos de generación en generación?

¿Se mantienen inalterables los conocimientos ancestrales sobre indicadores climáticos?

A partir de estas preguntas iniciamos la investigación afirmando lo siguiente:

- *Los hombres y mujeres de los pueblos indígenas amazónicos conocen indicadores climáticos naturales, resultado de cómo se relacionan con su contexto ambiental, social y cultural.*
- *Los conocimientos que poseen hombres y mujeres indígenas sobre indicadores climáticos son diferentes y están en relación directa con los roles del género y con las condiciones de acceso y control que tienen sobre los recursos naturales.*
- *La transmisión de conocimientos sobre indicadores climáticos a las nuevas generaciones se hace en base a los principios que rigen la educación natural: educación directa, oral, en contacto con la naturaleza, que se refuerza con el aprender-haciendo, de hombres a hombres y de mujeres a mujeres.*
- *Los conocimientos de los indígenas sobre indicadores climáticos han sufrido un proceso de “erosión cultural”, por diversos factores externos, lo que afecta sus capacidades de predicción y de gestión del riesgo climático.*

La investigación realizada es descriptiva y explicativa. Recurrimos, al método deductivo que parte de datos generales para identificar situaciones y datos particulares y también al método inductivo, que interrelaciona datos particulares para construir premisas o conclusiones generales aplicables a situaciones similares a las investigadas.

Para la realización del trabajo de campo, los ejes orientadores fueron: *participación, interculturalidad y enfoque de género*. Se trabajó con muestras no probabilísticas, en base a criterios establecidos de género y edad. Las variables de género utilizadas son: **roles de género** (división del trabajo por género); **actividades productivas por género**; **actividades reproductivas por género**; **acceso y control de mujeres y hombres de los recursos naturales y otros recursos asociados** (crédito, capacitación, asistencia técnica); **toma de decisiones según género**.

El proyecto se ejecutó en Comunidades nativas, representantes de 4 pueblos indígenas: C.N. Callería (Shipibo-Conibo), C.N. Mariscal Cáceres (Cacataibo) en la Región Ucayali; C.N. Sonene (Ese'ejá) y C.N. Bélgica (Yine) en la Región Madre de Dios.

EL CAMBIO CLIMÁTICO Y LOS PUEBLOS INDÍGENAS

“El cambio climático constituye una amenaza y un peligro para la supervivencia de los pueblos indígenas en todo el mundo, pese a que los pueblos indígenas contribuyeron muy poco a las emisiones de gases efecto invernadero. De hecho, los pueblos indígenas son esenciales para los numerosos ecosistemas que habitan sus tierras y territorios y forman parte activa de ellos, por lo que podrían ayudar a mejorar su resiliencia. Además, los pueblos indígenas interpretan los efectos del cambio climático, y reaccionan ante ellos, de manera creativa, aprovechando los conocimientos tradicionales y otras técnicas para encontrar soluciones que puedan ayudar a la sociedad en su conjunto a hacer frente a los cambios inminentes” (UNPFII, 2008)

En el caso de la Amazonía peruana, la población ya viene percibiendo y registrando manifestaciones relacionadas con el cambio climático, eventos climáticos y geodinámicos extremos. Entre lo más resaltante se encuentra: el cambio en la fenología de algunas plantas que florecen y fructifican en épocas del año diferentes a las habituales; la disminución significativa de cosechas de cultivos tradicionales (café y maíz); incendios en épocas de sequías; cambio en los ciclos de reproducción de los animales silvestres; pérdida de hábitats y de biodiversidad; así como la inundación de áreas de cultivo ubicadas en zonas ribereñas, deslizamientos y afectación de la infraestructura vial y de la agro biodiversidad local. (Convenio Fundación M.J. Bustamante de la Fuente - CETA. 2009).

La pérdida de bosques, constituye la pérdida de posibilidades de sobrevivencia de los pueblos indígenas amazónicos, dado que el bosque constituye su hogar y la fuente de alimentos, medicinas, materiales de construcción, leña, agua y también lo espiritual, que aseguran el mantenimiento de la vida comunal a largo plazo. La degradación del bosque trae consigo la desnutrición, el aumento de las enfermedades, la dependencia, la aculturación y, en muchos casos, la emigración y la desaparición de la propia comunidad.

CAMBIO CLIMÁTICO Y GÉNERO

Por muchos años se ha supuesto que los impactos negativos del cambio climático y los esfuerzos por mitigarlos tienen efectos similares tanto en mujeres como en hombres. Sin embargo, tenemos que reconocer que mujeres y hombres viven la experiencia del cambio climático de manera diferente, y que las desigualdades de género disminuyen la capacidad de las mujeres para hacerles frente. Debemos reconocer también que las mujeres son gestoras importantes de cambio y poseedoras de conocimiento y destrezas importantes para todo lo relacionado con la mitigación, adaptación y reducción de riesgos frente al cambio climático, lo cual las convierte en actrices cruciales en esta área. En consecuencia, existe una necesidad apremiante de adoptar un enfoque sensible al género en la formulación de políticas y programas sobre cambio climático.

La diferenciación de roles a partir del género, no sólo define las identidades de

hombres y mujeres, y las actividades de las que hombres y mujeres se ocupan, sino también la forma en que cada uno se aproxima a la realidad, la entiende, la aprehende y la mantiene o la transforma.

Sin embargo, es preciso evitar visiones simplificadoras sobre el papel de las mujeres (debido a su sexo) como víctimas. Las mujeres no son vulnerables porque “por naturaleza sean más débiles”: hombres y mujeres enfrentan diferentes vulnerabilidades debido a sus roles sociales diferenciados.

Un aspecto que destacamos para poder comprender la vinculación entre género y cambio climático es el de los saberes ancestrales o conocimientos tradicionales, los mismos que se construyen en el contacto directo con la naturaleza.

CONOCIMIENTO TRADICIONAL Y ANCESTRAL

Según definición de Grethel Aguilar, “*el término [Conocimiento Tradicional] refiere al conocimiento y las habilidades (de los sistemas indígenas del conocimiento, sus prácticas y su tecnología indígena) que se han desarrollado fuera del sistema educativo formal, y que permite a comunidades sobrevivir*”. Según la autora, “*este conocimiento es dinámico, resultado de un proceso continuo de experimentación, innovación y adaptación*” (Aguilar, G. 2005).

Sandra Huenchuan (2002) explica que el conocimiento indígena tiene como características: “**Titularidad colectiva** [...]. **Transmisión oral** de generación en generación; en consecuencia, no suelen estar documentados. **Dinamicidad**, se transforman a lo largo del tiempo en respuesta a nuevas exigencias y necesidades de la comunidad”.

En la investigación se ha considerado que los conocimientos tradicionales son aquellos que poseen los pueblos indígenas u originarios, que se reconocen provenientes de los abuelos y de su propia relación con la naturaleza, transmitidos de generación en generación, habitualmente de manera oral y desarrollada al margen del sistema de educación formal. Cada etnia amazónica ha elaborado conocimientos pormenorizados de la estructura, composición y funcionamiento de los ecosistemas en que se desenvuelven; asimismo, percibe, visualiza, valora y sistematiza globalmente la naturaleza y cada uno de sus elementos interrelacionándolos entre sí e identificando los efectos y cambios que ocasionan en su vida social. Sin embargo, reciben y adaptan las influencias e intervenciones de las concepciones y prácticas de la sociedad oficial, las que llegan a través de la escuela y los medios de comunicación, así como las recibidas por la llegada a sus territorios de un caudal continuo de migrantes de la sierra y costa, con sus propios bagajes culturales.

FACTORES DE INFLUENCIA EN LOS CONOCIMIENTOS ANCESTRALES

Debido a las relaciones interculturales que se han ido estableciendo con el medio

externo, las concepciones y prácticas de hombres y mujeres de las comunidades nativas han ido variando en la Amazonía. Las imposiciones del mercado, las prescripciones legales, la escuela, las acciones del Estado en diferentes sectores, han venido imponiendo un nuevo juego de reglas e institucionalidad a nivel comunal, en los que, si bien aún perviven sus principales principios, éstos están entrelazados a una institucionalidad ‘moderna’, que ha implicado también la asimilación subordinada y asimétrica de las relaciones de inequidad de género y de cultura, procedentes de la cultura occidental.

HALLAZGOS Y CONCLUSIONES

- I. La relación que los pueblos indígenas tienen con la naturaleza está marcada por afectividad y misticismo², y es en función a ello cómo identifican las características particulares del comportamiento de flora, fauna, suelo, agua, atmósfera, identificando en ellos los cambios/variaciones que se presentan, en relación a su propio comportamiento.
- II. Hombres y mujeres identifican las variaciones en la temperatura y los cambios que se dan en el clima y que son expresados en frases como éstas: *“hace más calor que antes”, “el sol quema más”, “llueve cuando ya debemos estar en verano”, “las lluvias constantes inundan nuestras chacras”, “los friajes son más cortos pero fuertes y frecuentes”*. Esos cambios están relacionados con las afecciones que sufren las mismas personas: manchas en la piel y ardores, dolor de cabeza, resfríos, fiebres. Del mismo modo se identifican cambios en plantas y animales: *“los sembríos no crecen lo mismo”, “el bosque produce menos frutos para recolectar”, “los animales del monte ya no se ven”* y *“las crianzas domésticas se pierden por enfermedades que antes no tenían”*.
- III. Hombres y mujeres han logrado identificar señales en la naturaleza que son los indicadores naturales de las variaciones del clima. Es así que diferentes animales de tierra, agua y aire anuncian con sus cantos, rugidos y ruidos, cuando hará calor, lloverá o habrá friaje. Este conocimiento especializado está en relación directa al ámbito en que desempeñan sus roles de género: hombres, sobre todo en el monte (bosque) y en el río; mujeres, en la casa y la comunidad.
- IV. La presencia de los indicadores naturales (plantas y animales), en las comunidades, depende de las características específicas de su ubicación geográfica, sea que estén en los bajiales o en las alturas de la amazonía. Por otro lado, la nominación de animales y plantas depende del idioma materno, por lo que un mismo animal o planta recibe un nombre distinto, sin que ello signifique que se trate de indicadores diferentes. En todos los casos los animales y plantas indican la misma situación climática.
- V. Los cambios en el clima, a través de las señales que dan animales, plantas o fenómenos atmosféricos, no son utilizados como referentes para la planificación de las actividades en un siguiente ciclo productivo, ya que no

² La naturaleza es la “madre naturaleza”. Plantas, animales, piedras, agua, suelo todo tiene espíritu y se relacionan con los seres humanos de acuerdo a las conductas que desarrollan, referidos a la armonía, respeto o destrucción de los recursos naturales.

predicen el tiempo a mediano plazo; anuncian el cambio, casi inmediato del clima, por lo que sólo sirven para tomar una decisión del momento respecto a si se van a la chacra, salen a cazar o pescar, se lava la ropa, se desplazan por la comunidad, etc. Todas estas manifestaciones se evidencian en el corto plazo y en los accionares del momento.

VI. Ciertas sensaciones personales, manifestadas por hombres y mujeres, son consideradas indicadores de cambios en el clima del día. Ejemplos:

- *“Cuando va a cambiar el sol a lluvia, se presenta un olor diferente en el ambiente”.* (mujeres).
- *“Si estás en la calor y te da estremecimiento en el cuerpo y una especie de escalofrío, es anuncio de lluvia”.* (hombres).
- *“El dolor de cabeza es anuncio de calor”* (mujeres).
- *“Los que sufrimos de reumatismo sentimos un dolor diferente en las rodillas y eso anuncia lluvia y ventarrón”.* (hombres).
- *“Cuando hay palpitaciones en la piel se va a cambiar el clima: de calor, viene lluvia y si está lloviendo va a hacer calor”.* (mujeres).
- *“Cuando se comprometen dos jóvenes para casarse, al segundo día va a haber ventarrón”* (hombres y mujeres).

DIFERENCIAS EN CONOCIMIENTOS: HOMBRES Y MUJERES

El trabajo de campo realizado en las 4 comunidades, nos aporta lo siguiente:

- I. Los referentes empíricos/naturales, biológicos que conocen hombres y mujeres para saber si hará calor, lloverá, hará frío, etc. son diferentes por el espacio en el que se desenvuelven: hombres, en el monte/bosque y los ríos; mujeres en la casa, la huerta y la comunidad.
- II. Los hombres conocen de los animales y plantas que están en el monte y en los ríos, que anuncian el calor, la lluvia, el friaje. Es por ello que ellos saben más de los animales terrestres (tigrillo, sachavaca, venado, árboles, etc.). Les interesa conocer lo que va a pasar con el clima en referencia a sus actividades productivas y esto está en relación directa a su rol de proveedor de la familia.
- III. Las mujeres conocen de los animales y plantas que están en el entorno de la casa, la huerta y la comunidad. Ellas identifican más a las aves e insectos como indicadores naturales del cambio del clima y a algunas plantas que crecen cerca de las casas y en la huerta. Sin embargo, las mujeres manifiestan conocer de los animales del monte, por información que les transmiten los hombres. A la mujer le interesa lo que va a afectar su rol de madre, esposa y responsable de la alimentación, el cuidado de la casa y sus miembros así como generar condiciones adecuadas para la vida cotidiana (por ej. tener ropa limpia, que si llueve y hace viento no puede cumplir con ello), también la salud: en tiempo de friaje la madre está preocupada por la enfermedad de sus hijos y los otros miembros de la familia a su cargo y entonces recolecta

plantas medicinales para proceder a su secado o maceramiento; pero, las variaciones del clima están afectando su producción y se dificulta disponer de esas plantas en la huerta.

TRANSMISIÓN DE CONOCIMIENTOS SOBRE INDICADORES CLIMÁTICOS

Los hallazgos sobre este aspecto son:

- I. En la medida que se trata de culturas que son ágrafas, la transmisión de los conocimientos es oral de hombres a hombres y de mujeres a mujeres; pero, a nivel generacional lo que se da es la transmisión de abuelos a nietos y nietas, bajo la característica del relato de un cuento, una anécdota o leyenda.
- II. Las noches de luna llena, llena de misticismo, son los ambientes propicios para la transmisión de conocimientos de los abuelos y abuelas, sobre las costumbres, el trabajo en la chacra, en el monte, en el río. El cuento es la manera ideal para la comunicación: el cuento lo empieza el abuelo, esto es, la esencia de los conocimientos, lo nuevo y novedoso para los niños, niñas y jóvenes; mientras que la abuela complementa haciendo enseñanzas morales, es decir, la parte de valoración de esas enseñanzas para la vida, la parte ética y las normas sociales.
- III. Los padres enseñan a los hijos, las madres a sus hijas, todo lo referente al cumplimiento de sus roles de género. La abuela enseña a cuidar el cabello, a dar el piri piri (planta silvestre), para que se sepa diseñar las telas, pintar y bordar; también las plantas medicinales para el cuidado femenino y las bondades de los productos comestibles que no se cultivan.
- IV. Los abuelos transmiten a los nietos la cosmovisión indígena que contribuye a reforzar su identidad cultural. Junto con ello transmite también el conocimiento de los indicadores naturales (fauna, flora y fenómenos atmosféricos) que anuncian las variaciones climáticas. Una característica que destacan los y las comuneras es que mientras los padres enseñan a sus hijos y las madres a sus hijas, los abuelos y abuelas enseñan a todos sin diferenciar sexo y sin que necesariamente tengan lazos de parentesco consanguíneo.
- V. Los indicadores de las variaciones climáticas son un referente articulado a las actividades productivas/económicas, por lo que las señales de la naturaleza se enseñan y se aprenden en el momento mismo de la ejecución de dichas actividades. Sin embargo, cuando las variaciones del clima son muy marcados y afectan la vida cotidiana (social y productiva), son parte de los temas que se conversan a la luz de la luna, con los abuelos y abuelas.

SOLIDEZ Y MANTENIMIENTO DE CONOCIMIENTOS SOBRE INDICADORES CLIMÁTICOS, EN HOMBRES Y MUJERES

En el trabajo de campo se recogió de unos comuneros esta expresión: “(...) *todo está cambiando y los conocimientos también (...) además los jóvenes no creen (...) ellos van a la ciudad y ahí no se sabe qué pasa*”. Los hallazgos son:

- I. Hay cambios en los conocimientos, por pérdida de algunos saberes ancestrales al no ser utilizados cotidianamente; por ejemplo, se reconoce que es planta medicinal pero ya no se conoce exactamente cómo actúa, ya no se identifican los diversos usos y para todo lo que pueda servir.
- II. En referencia a los conocimientos sobre los indicadores naturales de las variaciones climáticas, los jóvenes (grupo etario entre 15 y 25 años) manifiestan no saber lo que los abuelos conocen, en referencia a los animales o plantas que anuncian cómo cambiará el clima. Esto lo justifican por el hecho de que *“ya estamos perdiendo la costumbre de conversar con los abuelos sobre eso (...)”*.
- III. Se pierden los conocimientos porque se están perdiendo los indicadores naturales de la variación del clima, producto de la deforestación que acaba con el hábitat de muchos animales que eran los que anunciaban los cambios del clima y, también, por la pérdida misma de las plantas que anuncian el verano o el invierno.
- IV. Los cambios extremos de las estaciones, que ya son evidentes, han llevado al cuestionamiento del conocimiento ancestral, de los abuelos, y los jóvenes dicen que *“ya no sirve”*.
- V. Los hijos y nietos ya no están interesados en los conocimientos ancestrales relacionados a las tradiciones que buscan explicar los cambios en la vida cotidiana a partir de referencias naturales, como es el caso de los indicadores climáticos, lo que se refuerza por el contenido educativo de la escuela que da mensajes que desvaloran los conocimientos ancestrales al catalogarlos de superstición o creencias de los antiguos que no deben hacerse caso, porque no se valoran al nivel de los conocimientos científicos. Asimismo, por el hecho de que el idioma materno se deja de hablar en la familia, se pierden elementos culturales como el que se ha buscado con este estudio. Finalmente, los pobladores de las comunidades, hombres y mujeres, adultos y jóvenes, cada vez más, tienen más posibilidad para viajar a la ciudad o a los centros poblados grandes, por facilidades en la comunicación y la cercanía, lo que les permite acceder a nueva tecnología de comunicación y a nuevos conocimientos que muchas veces trastocan sus conocimientos ancestrales.

INDICADORES CLIMÁTICOS SEGÚN COMUNIDAD, IDENTIFICADOS POR HOMBRES Y MUJERES

A continuación, se presentan los principales indicadores, destacados en los talleres comunales, por hombres y mujeres.

CLIMA	HOMBRES			
	CALLERIA	MARISCAL CACERES	SONENE	BELGICA
CALOR – INDICADORES DE FAUNA	Chicharra (cuando canta bastante o poco así será el calor)	- Chicharra (canta)	Pájaro tijera (aparece)	Chicharra (canta, verano fuerte)
	Tábano, aparece	Camaleón cambia de piel	Cóndor real	Mariposas
	Canto del huancabi		Gavilán	Tunchi
			Manchaco (vuelan en grupo)	Otorongo silva
				Mosquitos en cantidad
Golondrina (vuelan en grupo)	Huangana se baña en bajial			
CALOR – INDICADORES DE FLORA	Izana (florece)	Bolaina (floración)	Malva florece, (se abre bastante)	La shiringa (revienta su fruto)
CALOR- INDICADORES ATMOSFÉRICOS	Noche estrellada indica verano	Luna derecha	NO IDENTIFICAN	Cuando se ven las estrellas
	Luna: anuncia verano cuando está derecha.	Nubes cirrus		
	Nube blanca			
SEQUIA – INDICADORES DE FAUNA	Bufo colorado (si sale a la superficie es bajada del río)	NO IDENTIFICAN	Corocoro (vuela bajito)	Chicharra
	Gaviota		Chicharra	Mariposas (vuelan en la playa)
				Mosca de playa (aparece)
SEQUIA – INDICADORES DE FLORA	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Castaño (caen las hojas)	Paqitas se secan las hojas
			Topa (florece bastante)	
SEQUIA – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Mucho viento
				Luna sale derecha

CLIMA	HOMBRES			
LLUVIAS – INDICADORES DE FAUNA	- El walo (sapo)	- Ranas, walo	Maquizapa	Camina el sitaracuy
	- Tucán	- Mono coto	- Tucán	Tucán
		- Tucán, golondrinas	- Guacamayo	Camungo
	- Zancudo	- Manacaraco	Coto (canta seguido)	Tocón
	Tatatán (canta)	Toro y vaca estornudan	- Unchalla	Coto
	Manacaraco (canta en el bosque)			Insectos, hormigas vuelan
	Comején			
	Mucha mosca			
LLUVIAS- INDICADORES DE FLORA	Producción de plantas	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Lupuna
	Camu Camu silvestre			Shimbillo
	Shimbillo			Uvos
LLUVIAS- INDICADORES ATMOSFÉRICOS	Nube oscura	Luna de lado	Luna (con aire blanco)	Luna (círculo alrededor)
	Truenos y relámpagos	Nubes	Nubes de norte a sur	Cielo de noche sin estrellas
	Temblores	Cúmulos	NO IDENTIFICAN	La luna sale torcida hacia el sur
	Cuando en el atardecer el sol es de color anaranjado	Mucha calor		
FRIO/FRIAJE – INDICADORES DE FAUNA	Shemchim (pájaro)	NO IDENTIFICAN	Gallinazo	El ave Martincito
			Sachavaca	Tunchiporoto
			Maquisapa (canta en grupo)	Grillo grita en la noche
			Tigrillo	
FRIO/FRIAJE – INDICADORES DE FLORA	Pashaco (floreá)	Shimbillo de agua	Pashaco	La sensitiva (se cierra)
		Bobimsana de río	Tahuari	Cetico (voltean las hojas)
			Lupuna	
FRIO/FRIAJE – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Luna con aro azul	Nube (de este a oeste)
			Sol con aro azul	

CLIMA	HOMBRES				
INUNDACIÓN / CRECIENTE RIO – INDICADORES DE FAUNA	Manacaraco canta a orilla del río	- Zitaracuy	Corocoro	Corocoro	
		- Lagarto	- Pato		
	- Yacu pato	Lagartija cruza la quebrada		- Chicharra	Vaca muchacho (azul más grande, de río) Lucrecia
				Lobrero (canta bastante)	
					Lagarto (brama fuerte)
	Víboras (van a las partes altas, es que viene crecida del río)	Boa (se queja como motor)			
			- Walo		
INUNDACIÓN / CRECIENTE RIO- INDICADORES DE FLORA	Camu camu	Zapote (floración abundante)	Caña brava (florece)	Mango florea bastante	
	Shimbillo				
	Mango				
INUNDACIÓN / CRECIENTE RIO – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Truenos, rayos, relámpagos seguidos.	Luna con aro toda la noche	
VIENTOS FUERTES- INDICADORES DE FAUNA	Shan (silba)	Caballo cuando revuelca	Gallinazo	Garcita (camina en la playa)	
	Chicua (silba)		Maquisapa	Pájaro tijera (vuelan en grupo)	
			Tigrillo (silba seguido)	Monos (gritan)	
VIENTOS FUERTES – INDICADORES DE FLORA	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Caen los árboles. Se oye fuerte	NO IDENTIFICAN	
VIENTOS FUERTES - INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Nubes se corren rápido	Nubes se mueven al oeste. Truena seco	

CLIMA	MUJERES			
	CALLERIA	MARISCAL CACERES	SONENE	BELGICA
CALOR – INDICADORES DE FAUNA	Teraka (ayaymama)	Tempranito canta el Paucar y los pajaritos	Chanfani	Chicharra
		Unchala	Gallina (abre sus alas)	Lagartijas
		Chicharra	Lechuza canta	
		Chinchilejo		
CALOR – INDICADORES DE FLORA	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Malva se abre	NO IDENTIFICAN
CALOR-INDICADORES ATMOSFÉRICOS	Noche estrellada	Luna derecha	Cielo estrellado	Cielo estrellado
		Cielo estrellado	Arco iris	
			Cielo celeste, sin nubes. Sol brillante	
SEQUIA - INDICADORES DE FAUNA	Manacaraco no canta	Chicharra	Gallinazo (abre su ala)	Tunchi poroto
SEQUIA – INDICADORES DE FLORA	Mango (no florea)	NO IDENTIFICAN	Amasisa (florea)	NO IDENTIFICAN
SEQUIA – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Sol muy fuerte	Vientos fuertes
LLUVIAS – INDICADORES DE FAUNA	Patos (aletean)	Manacaraco	Tucán	Citaracuy
		Tucán (canta)	Chima aparece	Ranas Zancudos
	Loros y pihuichos	Chancho (se revuelca)	Pato (aletea)	Hormigas voladoras Toritos
		Tucán	Pato	Carachupa
	LLUVIAS-INDICADORES ATMOSFÉRICOS	- No hay estrellas	Nubes	Truenos, rayos
Luna tiene aro		Cielo nublado	Nubes negras	Cuando no hay estrellas
Nubes negras		NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	

CLIMA	MUJERES			
	CALLERIA	MARISCAL CACERES	SONENE	BELGICA
FRIO/FRIAJE – INDICADORES DE FAUNA	Zancudo, más de lo normal, va a venir la lluvia con frio.	Rana (carash)	Tigrillo	Pajarito
			Tigre ruge bastante	
			Poroto fango canta seguido	
FRIO/FRIAJE – INDICADORES DE FLORA	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Tangarana florece	NO IDENTIFICAN
FRIO/FRIAJE – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	Luna inclinada	Vientos	Nubes se corren de abajo para arriba (como surcar)
			Nubes blancas	
INUNDACIÓN / CRECIENTE RIO – INDICADORES DE FAUNA	Jánaca	Manacaraco	Sapos	NO IDENTIFICAN
	Sapo			
	Curuinci		Unchala (canta seguido)	
	Bufo colorado			
INUNDACIÓN / CRECIENTE RIO- INDICADORES DE FLORA	Mango (florece bastante)	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN	Copoazú (se seca)
	Shimbillo (florece mucho)			
INUNDACIÓN / CRECIENTE RIO – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	Lluvia fuerte y de más de dos días	NO IDENTIFICAN	Luna llena con su aureola y tiene manchas
VIENTOS FUERTES – INDICADORES ATMOSFÉRICOS	NO IDENTIFICAN	- Con las nubes negras y blancas se viene el ventarrón	NO IDENTIFICAN	NO IDENTIFICAN
		- Por donde está negro y hay nuble blanca		

REFERENCIAS

Aguilar, G. 2005. En busca de una distribución equitativa de los beneficios de la biodiversidad y el conocimiento indígena. UICN Mesoamérica. San José de Costa Rica.

Convenio Fundación M.J. Bustamante de la Fuente - CETA. 2009. Estrategias Regionales para enfrentar el Cambio Climático, Iquitos.

Huenchuan Navarro, Sandra. 2005. Mujeres Indígenas, Conocimientos y Derechos Intelectuales. Rev. Austral Ciencias Sociales. [online]. 2005, no.9 p.57-70.

UNPFII, 2008: Documento de antecedentes. Séptimo período de sesiones (Abril 21-mayo 2). El cambio climático, la diversidad biocultural y los medios de vida: la custodia por los pueblos indígenas y nuevos retos.

http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/backgrounder%20climate_ESP_FORMATTED.pdf

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020